

Citibank dá prazo, mas faz críticas

O presidente-executivo do Citicorp e Citibank (um dos dez maiores credores do Brasil), John S. Reed, disse ontem em São Paulo não haver dúvidas quanto à prorrogação dos empréstimos brasileiros que vencem este mês por 90 dias, "tempo suficiente para que o País possa apresentar um programa ao FMI". "Creio que agora — afirmou — há um novo governo, que está trabalhando para o País entrar numa nova etapa econômica. E uma vez que o Brasil tenha isso bem planejado, vamos trabalhar juntos, os bancos e o governo do Brasil, e fazer um reajuste dos empréstimos, desde 1985 até 1991.

Vamos conversar sobre um prazo de cinco anos e, por mim, o que o Brasil está fazendo agora é justamente o que deve fazer."

Apesar disso, o banqueiro afirmou que "hoje a situação é confusa para a área internacional e para os brasileiros. Não há **background** (conhecimento) do programa econômico. Um dos problemas é a falta de investimentos, não somente dos estrangeiros, por medo do controle de preços e de taxas de juros muito altas".

O banqueiro observou que falava em nome da instituição que preside e não dos outros bancos. "Os bancos

gostariam de fazer a renegociação para definir toda a dívida do Brasil. Para isso, o Brasil precisa antes fazer o acordo com o FMI. Nós acreditamos que dois meses após o acordo com o FMI será possível reestudar toda a dívida. O problema imediato para o sistema bancário tem a ver com o acordo que termina a 31 de agosto, especialmente com as linhas interbancária e comercial (projetos 3 e 4)."

O presidente do Citibank falou aos jornalistas após um almoço promovido pela Câmara Americana de Comércio para o Brasil. Na homenagem a ele prestada por 490 pessoas,

falou por meia hora, em inglês e sem tradução simultânea, como é normal na Câmara de Comércio, integrada principalmente por empresários norte-americanos. Ele fez uma análise histórica da evolução econômica, lembrou o acordo de Bretton Woods criando o FMI, reafirmou a necessidade do repagamento dos empréstimos pelos devedores e ressaltou as mudanças na área empresarial diante das dificuldades como os déficits dos governos e o desemprego, ainda alto na Europa. Reed considerou suas palavras "inconclusivas" e a capitalização dos juros difícil na prática.

Segundo ele, o aumento dos investimentos estrangeiros no Brasil depende da manifestação do governo de que o capital externo é bem-vindo, da liberdade de investir, de retorno adequado e liberdade de preços e possibilidade de remessas. Observou ainda que o crescimento econômico não depende de uma eventual solução para a problemática da dívida externa, mas sim do fluxo positivo de caixa, obtido através de superávits comerciais permanentes e do ingresso de capitais estrangeiros, que necessitam de um ambiente propício para aplicação.

Em seu encontro de segunda-

feira com o presidente José Sarney, em Brasília, o banqueiro manifestou o interesse do Citibank — o maior credor individual do País — em poder atuar no Brasil como qualquer outro banco comercial brasileiro (com ênfase no varejo e nas operações normais, disse ontem), dispondo-se, inclusive, a maiores investimentos, se necessário. Por outro lado, Sarney pediu a John S. Reed que exercesse o papel de mensageiro, levando otimismo à comunidade financeira internacional, bem como a certeza de que o País logrará um bom desempenho econômico em futuro próximo.